

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

por

ESTEFÂNIA SILVEIRA DE MORAES

**PERCEPÇÃO DE EGRESSOS DO CURSO DE FISIOTERAPIA
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS (UCPEL) QUE ATUAM
NA ÁREA DA SAÚDE PÚBLICA SOBRE AS POSSÍVEIS
CONTRIBUIÇÕES DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS
COMUNITÁRIOS PARA SUA PRÁTICA PROFISSIONAL**

**Pelotas, RS, Brasil
2011**

ESTEFÂNIA SILVEIRA DE MORAES

**PERCEPÇÃO DE EGRESSOS DO CURSO DE FISIOTERAPIA
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS (UCPEL) QUE ATUAM
NA ÁREA DA SAÚDE PÚBLICA SOBRE AS POSSÍVEIS
CONTRIBUIÇÕES DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS
COMUNITÁRIOS PARA SUA PRÁTICA PROFISSIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação, linha de pesquisa Formação de Professores: ensino, práticas e processos educativos, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria das Graças C. S. M. G. Pinto

**Pelotas, RS, Brasil
2011**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Daiane Schramm – CRB-10/1881**

M827p Moraes, Estefânia Silveira de

Percepção de egressos do curso de fisioterapia da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) que atuam na área da saúde pública sobre as possíveis contribuições dos estágios supervisionados comunitários para a sua prática profissional/ Estefânia Silveira de Moraes; Orientadora: Maria das Graças C. S. M. G. Pinto. – Pelotas, 2012.

59f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas.

1. Estágio supervisionado. 2. Educação em saúde. 3. Egressos. 4. Fisioterapia. I. Pinto, Maria das Graças C. S. M. G. Pinto, orient. II. Título.

CDD 370

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação de Mestrado:

**PERCEPÇÃO DE EGRESSOS DO CURSO DE FISIOTERAPIA DA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS (UCPEL) QUE ATUAM NA ÁREA DA
SAÚDE PÚBLICA SOBRE AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DOS ESTÁGIOS
SUPERVISIONADOS COMUNITÁRIOS PARA SUA PRÁTICA PROFISSIONAL**

elaborada por

Estefânia Silveira de Moraes

como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Dra. Maria das Graças C. S. M. G. Pinto (PPGE / UFPEL)
(Presidente/Orientador)

Dra. Beatriz Maria Boéssio Atrib Zanchet (PPGE / UFPEL)

Dra. Maria da Glória Santana (Docente aposentada / Faculdade de Enfermagem /
UFPEL)

**Pelotas, RS, Brasil
2011**

DEDICATÓRIA

O Poder da Vitória!

Todos nós somos vencedores,
Somos guerreiros na arte de viver.
Vença todos os seus medos,
Seus limites.
Vença todos os obstáculos da vida.
Vença as diferenças.
As dificuldades.
Vença o desânimo,
Não permita que seu corpo vire um flagelo.
Não aceite nada pela metade,
Exija " tudo ou nada"!
O vencedor não aceita metade,
Assim como não desiste no meio da estrada.
Arrisca-se!
O que tiver que ser seu,
Não será...!
Já está!... "é" contigo!
Lute até a última gota de suor.
Até o limite de suas forças.
Encare as feras como se fossem domadas.
Mentalize o seu potencial.
Atraia seus objetivos.
Não tenha medo da vitória,
A vitória pertence aos mais ousados, atrevidos e destemidos.
Vença ...
Use seus punhos como espadas.
Use sua mente como sabedoria.
Use seu coração para amortecer-te.
Use seu amor para vencer.
Porque assim nada irá te deter.
Solte seus monstros.
Liberte sua alma.
Grite com todas as letras.
E finalize com um silêncio gritante.
Vença com a verdade.
Ponha seus sonhos em prática.
Sonhos mais valiosos são os colocados em prática.
Ouça seu coração, sempre aconselhado da razão.
Coloque em prática sua determinação.
Seja um vencedor....Sem passar por cima de ninguém.
Use seus conhecimentos, abuse dos seus méritos.
E glorifique a vida como se fosse o último dia de vivê-la.
A verdadeira vitória não é aquela que atinge seu ideal,
E sim aquela que exige de você o seu potencial.
Que exige a força subumana! .
Vença!... Isso chama-se " O poder da vitória".

Autor: "FLOR DE LIS".

Dedico este trabalho a Deus, Virgem Maria, entidades de luz que me guiam e meus Anjos da Guarda, pois sem a ajuda deles não haveria fé, perseverança e vitória!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo que conquistei até agora, mas peço a Ele para me dar sabedoria para conquistar muito mais...

Ao meu anjo da guarda e todos meus animais de estimação em especial Frederico e Tuti.

A minha mãe Neiva, meu porto seguro, que não mede esforços para me apoiar em todas as situações de minha vida.

Às minhas companheiras de estudo do Mestrado, Leidne, Neridiana, Cátia e Nadiane que me acompanharam desde o início.

Aos meus colegas de trabalho que sempre me apoiaram com palavras de ânimo e carinho para alcançar esta valiosa formação.

A minha querida amiga e psicóloga Viviane pela força e coragem que me passava com suas palavras.

À professora Dra. Beatriz Zanchet pelas inúmeras contribuições e incentivos para que este sonho se tornasse realidade, não tenho nem palavras para lhe agradecer.

À professora Dr^a. Maria da Glória Santana, pelas contribuições da qualificação e pela disponibilidade em compartilhar desse valioso momento de minha formação.

Aos egressos do Curso de Graduação de Fisioterapia, que prontamente se dispuseram a participar desta investigação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel pela oportunidade.

À minha professora e orientadora Dr^a. Maria das Graças Pinto, por me ensinar muitas coisas neste curto espaço de tempo que ficamos juntas, mas que valeu por anos e anos, pois além de conhecimentos, me transmitiu muita calma, apesar de todas as dificuldades enfrentadas.

E agradeço também a todas as pessoas que de alguma forma me ajudaram a vencer esta etapa de minha vida.

RESUMO

MORAES, Estefânia Silveira. **Percepção de egressos do Curso de Fisioterapia da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) sobre as possíveis contribuições dos Estágios Supervisionados Comunitários para sua prática profissional.** 2011. 59f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, RS.

O presente trabalho foi realizado com o objetivo de conhecer a influência da abordagem dos Estágios Supervisionados Comunitários (ESC) na prática profissional de egressos das quatro primeiras turmas formadas no Curso de Fisioterapia da UCPel. Baseando-se em metodologia qualitativa, realizou-se a coleta de dados utilizando-se da aplicação de uma entrevista semi-estruturada aos sujeitos. A amostra constituiu-se de 04 (quatro) egressos, formados nas primeiras quatro turmas do curso, que estão atuando na área de Saúde Pública. Durante a análise dos dados emergiram várias questões acerca das possíveis contribuições dos ESC para a prática profissional desses ex-estudantes, como por exemplo: influência dos estágios comunitários no interesse pela área de Saúde Pública, realização do Estágio Supervisionado Comunitário durante a graduação, prática dos sujeitos no Serviço Público de Saúde e possíveis contribuições dos ESC para a prática desses egressos. Pela análise dos dados obtidos com as entrevistas concluiu-se que o Estágio Supervisionado Comunitário do curso de Fisioterapia da UCPel é visto como fator determinante para o interesse na área de Saúde Pública desses quatro sujeitos, visto que os estágios comunitários durante a graduação despertaram neles a preocupação com a promoção de saúde, e a forma de acolhimento aos pacientes, mas sem a afirmativa de que houve mudanças decorrentes exclusivamente dos estágios comunitários, pois não retrataram isso em suas falas, mas percebi mudanças na concepção de saúde, na valorização das questões éticas, morais, humanitárias e principalmente na consciência sobre a profissão fisioterapia.

Palavras-chave:

Estágio Supervisionado; Educação em Saúde; Egressos; Fisioterapia.

ABSTRACT

MORAES, Estefânia Silveira. **Perception of graduate of the physiotherapy course, Catholic University of Pelotas (UCPEL) acting in the field of public health on the stages of possible contributions to your community supervised professional practice.** 2011. 59f. Thesis (MA) - Graduate Program in Education. Federal University of Pelotas, RS.

This work was carried out in order to know the influence of approach Community Physiotherapy Supervised professional practice of graduates of the four first groups formed in the course of Physiotherapy UCPEL. Based on qualitative methodology was carried out to collect data using the application of a semi-structured interview subjects. The sample consisted of 04 (four) alumni, formed in the first four classes of the course, which are working in the area of Public Health. During data analysis questions have emerged about the possible contributions of the ESC to the professional practice of those former students as an example: the influence of the stages in the Community interest in the area of Public Health, completion of Supervised Community during graduation practice of the subject Public Health Service and possible contributions of the ESC to the practice of these graduates. By analyzing the data obtained from the interviews conclude that the Supervised Community Physiotherapy course UCPEL is seen as the determining factor for the interest in the area of Public Health of the four subjects, whereas internships during their undergraduate community has awakened in them a concern with health promotion, and how to care for patients, but without the assertion that there were changes arising exclusively from the Community stage, because it portrayed in their speeches, but I noticed changes in the concept of health, the importance of ethical, moral, humanitarian and especially awareness of the physical therapy profession.

Keywords:

Supervised Internship, Health Education, Graduates, Physiotherapy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial
CETRES – Centro de Extensão em Atenção à Terceira Idade
DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais
ECS - Estágio Curricular Supervisionado
ESC – Estágio Supervisionado Comunitário
FIES – Financiamento Estudantil
HUSFP – Hospital Universitário São Francisco de Paula
IE – Instituto de Educação
IES - Instituições de Ensino Superior
IP – Identidade Profissional
MEC - Ministério da Educação
PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação
PPP – Projeto Político Pedagógico
PSF – Programa Saúde da Família
SUS – Sistema Único de Saúde
UCPel – Universidade Católica de Pelotas
UBS – Unidade Básica de Saúde
UFPel - Universidade Federal de Pelotas

LISTA DE APÊNDICES

- 1 APÊNDICE I: Entrevista com os egressos do curso de Fisioterapia da UCPel54
- 2 APÊNDICE II: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido55

SUMÁRIO

1 UM RELATO SOBRE MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA... ESCOLHAS E JUSTIFICATIVAS	12
2 METODOLOGIA... MAPEANDO O PERCURSO.....	18
2.1 CONTEXTO DA PESQUISA: A UNIVERSIDADE E O CURSO	19
2.2 RECURSOS PARA COLETA DE DADOS	23
2.3 APRESENTANDO OS SUJEITOS DA PESQUISA	24
3 ESTÁGIO CURRICULAR: ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS	26
4 FORMAÇÃO E PRÁTICA DO FISIOTERAPEUTA: ELEMENTOS PARA PENSAR OS ESTÁGIOS COMUNITÁRIOS.....	32
5 O PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA: ALTERNATIVA PARA A ATUAÇÃO E ESTÁGIO DO FISIOTERAPEUTA.....	36
6 OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS COMUNITÁRIOS NA VOZ DOS EGRESSOS DO CURSO DE FISIOTERAPIA DA UCPEL.....	40
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
8 REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICES	54

1 UM RELATO SOBRE MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA... ESCOLHAS E JUSTIFICATIVAS

*Há quem diga que todas as noites são de sonhos.
Mas há também quem garanta que nem todas, só as de verão.
Mas no fundo isso não tem muita importância.
O que interessa mesmo não são as noites em si, são os sonhos.
Sonhos que o homem sonha sempre.
Em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado.*
Shakespeare

Refletir sobre coisas que se passaram na nossa vida e que, certamente, foram de importância vital para as escolhas que fizemos, ou, que ainda vamos fazer, pode se tornar uma tarefa bastante difícil, pois, muitos dados poderão ser esquecidos, outros talvez valorizados em demasia, mas com certeza esse exercício de reflexão é uma experiência interessante.

Elaborar um “memorial descritivo” é, de alguma forma, reconstituir a própria existência. Como explica Moraes: memorial é um retrato crítico do indivíduo visto por múltiplas facetas através dos tempos, o qual possibilita inferências de suas capacidades (2001, p.12).

Ao lembrar minha trajetória acadêmica retomo as palavras de Santos (1992, p.24) quando diz que: “memorial é não somente crítico, como autocrítico do desempenho acadêmico do candidato. Crítica que conduz forçosamente à avaliação dos resultados obtidos na trajetória da carreira científica”.

Portanto, para escrever essas lembranças levei em conta as condições, situações e contingências que envolveram as situações aqui expostas. Procuro destacar os elementos que, marcados por quebras de paradigmas, por coerências e incoerências e por meio das relações estabelecidas com o mundo, possibilitaram a construção de minha vida profissional.

Nasci na cidade de Jaguarão/RS, e nela vivi minha infância e adolescência. É interessante eu contar que quando nasci minha mãe pediu que eu fosse registrada com data anterior ao dia do meu nascimento, assim, fui registrada no dia 31 de março, porém nasci no dia 09 de abril. O pedido de minha mãe estava baseado no meu futuro como estudante, pois sendo registrada naquela data eu poderia ingressar na escola com seis anos completos, atendendo a exigência legal daquela época. Minha mãe era professora e essa condição foi que lhe deu sustentação para fazer o referido pedido.

Conforme contavam meus pais, aos três anos de idade eu já me interessava em aprender a ler e escrever e queria que isso acontecesse na escola - eu não admitia a hipótese de ter que freqüentar jardim da infância, o que atualmente conhecemos como pré-escolar.

Toda minha trajetória escolar foi em escolas públicas da cidade de Jaguarão/RS. Ao escrever essas linhas lembro-me de algumas situações que aconteceram durante os anos em que estive na escola e que me marcaram de alguma forma. Eu era uma criança muito tímida, introvertida, mas, boa aluna - sempre tive notas altas - porém detestava a disciplina de matemática - a única matéria que ficava com média exata (na época 7.0). Sinceramente, não tenho grandes e boas recordações do meu 1º grau, hoje chamado ensino fundamental. Já o 2º grau (ensino médio), foi diferente, gostava dos professores e colegas. Nessa época, optei por fazer técnico em Contabilidade - apesar de não gostar da área – por ser um curso oferecido em uma escola perto de minha casa. Saliento que gostei tanto das disciplinas quanto dos professores. Aprendi muitas coisas com eles, uma delas foi gostar um pouco de matemática, já que era um curso com várias disciplinas relacionadas à matemática financeira.

Terminei o 2º grau com 16 anos sem ter reprovada em nenhuma série e, como ia prestar vestibular, precisava decidir qual o curso/profissão queria seguir. Tive muitas dúvidas para fazer essa escolha, pois observava o exemplo de minha mãe, professora dedicada e realizada em sua profissão, e achava que esse seria o caminho que deveria escolher. Por outro lado, ficava muito empolgada ao observar o trabalho das pessoas da área da saúde no posto médico onde meu pai consultava. Assim, me via dividida entre cursos da área da saúde e da educação. O que tinha claro era que queria estar em contato com pessoas e que, em minha profissão, eu pudesse ajudá-las.

Foi com 18 anos que tive a oportunidade de sair de Jaguarão para estudar em Bagé, antes disso, cursei 01 ano de um curso técnico em informática na minha cidade, que era validado como curso superior e extensão da Universidade Católica de Pelotas - optei por esse curso, porque era complicado para minha mãe custear minhas despesas em outro lugar, e como era o único curso de nível superior na cidade, fiz à tentativa, mas não tive afinidade nenhuma com o curso e desisti.

Após essa tentativa, com a oportunidade de estudar em Bagé, fui atrás do meu grande sonho – na área da saúde - cursar Fisioterapia. Foi difícil e muito

complicado, porque como escrevi anteriormente minha mãe, que era a chefe da família, não tinha condições de pagar uma Universidade Particular, mas, almejando me formar nesse curso, me empenhei e consegui o financiamento estudantil federal (FIES).

Iniciei o curso e foi “amor à primeira vista”, me realizei porque realmente estava onde queria. Aliás, lembro que ainda na infância gostava das brincadeiras relacionadas ao corpo humano: o cuidar, ensinar e orientar estavam sempre presentes em minhas brincadeiras do dia-a-dia com meu irmão e amigas.

Ao iniciar a faculdade percebi que o curso de fisioterapia era um mundo de experiências novas. Adquiri novos amigos, colegas e muito estudo veio pela frente, mas em nenhum momento dessa trajetória vacilei quanto a escolha do curso.

Durante minha formação acadêmica percebia que meu currículo era totalmente tecnicista, voltado para atuar na doença e pouco se falava em prevenção. Alias os discursos estavam muito mais para o plano teórico da prevenção do que prático, mas, mesmo assim, encontrei uma professora que foi para mim verdadeiro exemplo e até hoje lembro e procuro seguir seus ensinamentos.

Mesmo assim, as dúvidas e indagações eram muitas quanto a formação que eu vinha recebendo e, por essa razão, decidi fazer meu trabalho de conclusão de curso voltado para a Educação em Saúde. Foi difícil encontrar um orientador que tivesse interesse, pois aos olhos da coordenação do meu curso o meu trabalho era inovador e de difícil aplicação na prática. Porém ao encontrar um orientador com vontade de me auxiliar, o trabalho foi realizado e hoje percebo que minhas reflexões serviram para mudanças, pois até hoje sei que minha monografia é citada como referência de leitura por alguns professores na universidade e houve a inserção da disciplina Fisioterapia Comunitária no currículo.

Foi um momento maravilhoso, os quatro anos e meio de graduação, a melhor fase de minha vida sem dúvida alguma, e eu era extremamente apaixonada pelo curso e, ainda sou agora como profissional fisioterapeuta. Conclui o curso em janeiro de 2004 e pensava em começar a trabalhar imediatamente para assumir o pagamento do financiamento (FIES) feito por meus pais, para custear meus estudos.

Iniciei meu trabalho como Fisioterapeuta em uma Clínica na cidade de Pelotas no mês de fevereiro de 2004 e, paralelamente na Santa Casa de Caridade da cidade. Após, fui selecionada para atuar no Hospital Universitário São Francisco de Paula nos setores das Unidades de Terapia Intensiva Geral e Pediátrica (UTI's) e

Ambulatório de Fisioterapia do mesmo hospital, contratada pelo Hospital Universitário São Francisco de Paula (HUSFP) .

Decorridos 06 meses de trabalho nessa Instituição fui convidada a supervisionar estágios comunitários no Curso de Fisioterapia da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) em Unidades Básicas de Saúde (Postos de Saúde) como técnica científica¹.

Assumir essa posição foi um desafio, pois, além de ter que supervisionar os estágios, tinha que ministrar aulas teóricas sobre Educação em Saúde e Sistema Único de Saúde (SUS) para os estudantes que faziam o estágio, na época, no 5º semestre.

Comecei então minha carreira como professora em 2006. A primeira disciplina que assumi foi Fisioterapia e Atenção à Saúde I (FAS I), condição que foi ao encontro das minhas expectativas, pois desde a época de minha graduação minha paixão era a área da Saúde Pública. Posteriormente, fiquei encarregada da disciplina Fisioterapia e Atenção à Saúde IV. Essas disciplinas se caracterizam por mostrar a realidade das comunidades da periferia de Pelotas, possibilitando aos acadêmicos conhecer e atuar diretamente nos locais onde as pessoas residem. O trabalho compreendia tanto a reabilitação, quanto a prevenção - que é uma nova visão para a área da Fisioterapia.

Apesar dessa nova visão para a Fisioterapia, percebo que, muitas vezes, os alunos não “gostam” ou não entendem porque precisam cursar essas disciplinas, porque, infelizmente, o curso de fisioterapia é visto como uma profissão elitista, onde somente as pessoas que tem bom poder aquisitivo podem usufruir dos benefícios do tratamento.

Tudo se encaixava: meu interesse em continuar atuando na área onde fiz meu trabalho de Conclusão de Curso e a experiência com a docência, entretanto, estava sempre me perguntando: como vou conseguir supervisionar e dar aula para alunos se não tenho conhecimento sobre práticas pedagógicas? Durante minha vida acadêmica não tive esse tipo de experiência!

Decidi que para enfrentar o novo trabalho precisava me qualificar. Pensei que um Curso de Mestrado seria importante para melhorar meus conhecimentos,

¹ Apesar de desenvolver o papel de supervisora de estágio e essa atividade se aproximar muito da docência, Eu era denominada e considerada como “Técnica Científica”, portanto não demarco o ano de 2004 como sendo o início do magistério na educação superior.

entretanto, esse curso deveria contemplar questões ligadas à docência, ou seja, ao ensino.

Nesse mesmo período, observava os colegas que trabalhavam comigo na Universidade e a maioria deles tinham feito Mestrado na área da saúde. Apenas uma colega tinha Mestrado em Educação. Percebia que ela discutia as questões ligadas ao Curso e a sala de aula em uma perspectiva mais ampla, diferente daquelas apresentadas por outros colegas. Essa condição foi definidora para que eu escolhesse então o Mestrado em Educação.

Ingressei no ano de 2008 no Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pelotas/RS com a expectativa de cursar seminários e realizar leituras e discussões que me ajudassem a compreender a ação docente. Concomitante ao curso de mestrado desenvolvia minhas responsabilidades como professora, atividades essas que a cada semestre se intensificavam.

Cada vez mais, também, preocupava-me com as questões relativas à formação dos profissionais de saúde e, em especial, dos fisioterapeutas para atuar junto à educação para a saúde. Apesar de nos últimos anos estar totalmente voltada para a atividade docente e assistencial, a preocupação com a educação vinha me acompanhando durante toda minha trajetória profissional.

Pode-se pensar que, em se tratando de uma atividade técnica, o Fisioterapeuta não necessita de fundamentação didático-pedagógica e talvez, devido a isso, não tenha sido contemplado, durante os anos de formação acadêmica, a referida formação. Entretanto, concordo com Dilly e Jesus quando afirmam que “o profissional de saúde é um educador em assuntos de saúde. Não tem como desenvolver suas funções sem realizar atividades educativas junto ao paciente, seus familiares e cuidadores” (1995, p.108).

Diante dessas inquietudes decidi pela temática deste estudo que têm origem, portanto, da minha trajetória como Fisioterapeuta, nas minhas vivências na prática docente em uma Universidade privada, enquanto professora das disciplinas de FAS I e IV, Orientação e supervisão dos estágios comunitários I, II e III e pelo grande interesse em permanecer e evoluir como professora universitária.

Fazer opção por um tema para estudo não significa desprezar, desvalorizar ou desconsiderar as demais possibilidades existentes. Pelo contrário, significa olhar com mais rigorosidade para o fenômeno escolhido que, de certa forma, estabelece uma relação estreita com a nossa própria trajetória pessoal e profissional e,

compreender por meio dele, a realidade que nos é apresentada com o intuito de transformá-la a partir da nossa própria inserção crítica nessa realidade.

No decorrer de toda a minha prática, tanto em sala de aula, quanto nos locais de estágio comunitário, percebi que o estágio comunitário é contestado, uma vez que muitos alunos não o valorizam e o consideram como uma “perda de tempo” e totalmente desnecessário no currículo. Até mesmo os estudos encontrados sobre o Estágio Comunitário ou Saúde Coletiva nos cursos de Fisioterapia são raros e compreendem, em sua maioria, análises dos estágios realizados por alunos em Hospitais e Clínicas que enfatizam, de um modo geral, os tratamentos fisioterapêuticos realizados nesses locais.

Nesse sentido, proponho investigar na percepção de egressos as possíveis contribuições dos Estágios Supervisionados Comunitários do Curso de Fisioterapia da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) para as suas práticas profissionais em Saúde Pública.

2 METODOLOGIA... MAPEANDO O PERCURSO

Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.

Paulo Freire

A metodologia tem como função orientar o pesquisador e ajudá-lo na elaboração de um projeto de pesquisa e no desenvolvimento do mesmo, seja uma dissertação ou uma tese e necessita, para que seus resultados sejam satisfatórios, estar baseado em planejamentos cuidadosos, reflexões conceituais sólidas e alicerçados em conhecimentos já existentes.

A pesquisa é um trabalho em processo não totalmente controlável ou previsível. Adotar uma metodologia significa escolher um caminho, um percurso que orientará todo o trabalho. Esse percurso, muitas vezes, requer ser reinventado a cada etapa. Precisamos, então, não somente de regras, mas também de muita criatividade e imaginação.

Alguns atributos pessoais são desejáveis para se tornar um bom pesquisador. Para Gil (1999), um bom pesquisador precisa, além do conhecimento do assunto, ter curiosidade, integridade intelectual e sensibilidade social. É igualmente importante a humildade para ter atitude autocorretiva, imaginação disciplinada, perseverança, paciência e a confiança na experiência.

Pesquisar significa, de forma bem simples, procurar respostas para indagações propostas. Minayo (1993, p. 23), abordando por um prisma mais filosófico, considera a pesquisa como:

(...) atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.

Demo (1996, p. 34) insere a pesquisa como atividade cotidiana considerando-a como uma atitude, um “questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”.

Para Gil (1999, p. 42), a pesquisa tem um caráter pragmático, “é um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. Diz ainda que,

(...) pesquisa é um conjunto de ações, propostas para encontrar a solução para um problema, que têm por base procedimentos racionais e sistemáticos. A pesquisa é realizada quando se tem um problema e não se tem informações para solucioná-lo (1999, p.42).

A pesquisa em questão, que objetivou investigar a percepção dos egressos acerca das possíveis contribuições dos Estágios Supervisionados Comunitários do Curso de Fisioterapia da UCPel para as suas práticas profissionais em saúde pública, teve como meio de coleta de dados a entrevista semi-estruturada e contou com a abordagem qualitativa.

A seguir será apresentado o contexto do curso e da Universidade aonde se desenvolveu a pesquisa, bem como o processo de coleta de dados: instrumento de pesquisa, sujeitos, dentre outros.

2.1 CONTEXTO DA PESQUISA: A UNIVERSIDADE E O CURSO

A pesquisa foi realizada junto ao curso de fisioterapia, da Universidade Católica de Pelotas – UCPel. A escolha por tal IES foi pelo fato de trabalhar nessa instituição, como docente, desde o ano de 2006. A sede principal da UCPel localiza-se na cidade de Pelotas/RS e foi fundada no ano de 1960. Nascida com perfil comunitário, sendo a primeira Universidade do interior do Rio Grande do Sul, a UCPel dedica-se ao ensino, à pesquisa e à extensão.

Apesar do ano da sua formação ser em 1960, a história desta Instituição, segundo o projeto institucional, começou bem antes, com a faculdade de Ciências Econômicas, que funcionava desde 1937, nas dependências do Colégio Gonzaga. Em 1951, o então Bispo Diocesano Dom Antônio Zattera começou a articular a criação de uma faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para o município. Nove anos mais tarde, o presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira assinava o decreto nº 49.088, oficializando a criação da UCPel.

Os primeiros dez anos da Universidade foram marcados pelo crescimento das faculdades e dos cursos. Já o segundo decênio, caracterizou-se pela implantação da reforma universitária com o conseqüente plano de estruturação, relacionado principalmente à essência, natureza e fins da Instituição e sua fisionomia estrutural.

O ano de 1976 foi um marco para a área de saúde, pois foi nesse ano que a UCPel adquiriu o Hospital Universitário São Francisco de Paula (HUSFP). Na década de 1980, houve a criação da Editora e a expansão dos *Campi*. Em 2007, duas novas aquisições aperfeiçoaram a infraestrutura da Universidade: o complexo do antigo Hospital Olivé Leite, que passou a abrigar a maioria dos cursos da área de saúde; e a locação do prédio do antigo Colégio Santa Margarida, que hoje é sede, entre outros setores, do curso de Direito, do Serviço de Assistência Judiciária (SAJ) e do único Posto descentralizado da Justiça Especial Cível em Pelotas.

O forte foco de atuação da Universidade em sua comunidade, porém, não resume a totalidade de sua representatividade. Principalmente nos anos 2000, várias parcerias foram firmadas, fazendo com que a UCPel fosse reconhecida nacional e internacionalmente. Dentre seus vinte e nove cursos de graduação está em funcionamento desde o ano de 2004, o curso de Fisioterapia, contexto dos sujeitos dessa investigação².

Faço a escolha por trabalhar, nessa pesquisa, com o curso de Fisioterapia pelo fato de ser graduada em Fisioterapia, atuar como docente na UCPel e por ser um curso novo na Universidade com um currículo considerado inovador.

A formação multidisciplinar do curso de Fisioterapia da UCPel tem como pretensão possibilitar a projeção e atuação em cenários diversificados, onde espaços específicos de ação requeiram educação sinestésica, orientação, recuperação, tratamento, reconstituição, desenvolvimento, a partir de reconhecimento/caracterização de problemas; diagnósticos; criação/agilização de alternativas; utilização de mecanismos/instrumentos; avaliação de desempenhos/procedimentos e resultados do profissional em ação.

A estrutura curricular do curso de Fisioterapia abrange como focos articulados de capacitação profissional, a formação ético-humanística, a educação

² Os sujeitos dessa pesquisa serão apresentados em outro item.

continuada, a inserção comunitária, o gerenciamento e a atuação em questões de saúde. O currículo é centrado nas aprendizagens de situações existenciais e na resolução de casos desafiadores, como possibilidade de vivências formadoras reais, como estímulo ao aprendizado. Esta abordagem exige uma preparação adequada e especializada dos docentes, assim como a disponibilidade de recursos; e redimensionamento de locais para estudos e desenvolvimento das atividades didático-pedagógicas.

Os estágios do curso têm uma carga horária de 420 (quatrocentos e vinte) horas. Os acadêmicos passam obrigatoriamente por três estágios em locais distintos que são: estágio comunitário que tem seu foco em Unidades Básicas de Saúde (UBS) ou popularmente conhecidos como postos de saúde, estágio ambulatorial, realizado na clínica de fisioterapia da UCPel e estágio hospitalar, onde os acadêmicos têm como campo de estágio o Hospital Universitário São Francisco de Paula (HUSFP).

Aqui, serão detalhados apenas os estágios comunitários, por serem aqueles relacionados ao foco do trabalho. Dessa forma, no 5º semestre iniciam esses estágios, com aulas teóricas e práticas, totalizando 4 horas semanais, com atuação direta em diversos campos de estágio, dentre eles: Centro de Extensão e Atenção à Terceira Idade (CETRES), Asilo de Mendigos, Associação de Diabéticos de Pelotas, Escola para deficientes visuais Louis Braille, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS Escola), Unidades Básicas de Saúde vinculadas à Universidade Católica (Fátima, Pestano e Santa Terezinha) e uma unidade básica vinculada à Universidade Federal de Pelotas (UFPel) Santos Dumont. No estágio comunitário I são realizadas atividades de educação em saúde, conforme o público pertencente a cada local, sempre com orientação e supervisão de uma professora do curso. Atualmente são três docentes que atuam nesse estágio, não havendo intervenção fisioterápica nesta primeira abordagem. O trabalho é realizado pelos acadêmicos com a comunidade de cada local, em áreas distintas, entre elas: saúde do idoso, deficientes visuais, saúde mental e comunidade em geral que buscam atendimento em unidades básicas de saúde e o foco é o trabalho de educação em saúde, buscando levar informações de caráter preventivo à população.

A seguir, no 6º semestre, já ocorre à inserção do estágio ambulatorial pediátrico juntamente com o estágio comunitário que diminui sua carga horária para

uma vez por semana totalizando uma hora e meia, e a atuação dos acadêmicos passa a ser preventivo e curativo também nas UBS's.

No 7º semestre do curso de fisioterapia além do estágio ambulatorial e do estágio comunitário, há a inserção do estágio hospitalar, aumentando, assim, a carga horária destinada para os estágios, para a realização desses estágios, passando a ser três vezes por semana, com o grupo de alunos divididos, fazendo um rodízio, para que todos tenham a oportunidade de vivenciar todas as experiências. O estágio comunitário permanece apenas uma vez por semana totalizando uma hora e meia e sendo finalizado neste semestre. Já no 8º e 9º semestre ocorrem apenas os estágios ambulatoriais e hospitalares com carga horária bem mais ampla conforme normas exigidas pelo MEC.

A coordenação das ações voltadas aos estágios supervisionados comunitários, ambulatoriais e hospitalares fica sob a responsabilidade dos supervisores docentes, cabendo a eles assegurar: cumprimento das exigências legais educativas ligadas ao estágio; convênios e parcerias com as redes de ensino; planejar, acompanhar e orientar as atividades dos acadêmicos ligadas ao estágio curricular; proceder ao encaminhamento formal dos estagiários para o campo de estágios acompanhado do termo de consentimento e exigir dos acadêmicos relatórios finais de cada estágio como forma de avaliação teórica e prática.

A abordagem do estágio comunitário do Curso de Fisioterapia da UCPel, segmento analisado neste trabalho pelos egressos, tem como premissa viabilizar atividades de extensão que coloquem o aluno em contato direto com as necessidades da comunidade. As atividades teóricas abrangem conteúdos como: educação em saúde, evolução das políticas públicas de saúde no mundo e no Brasil, o Sistema Único de Saúde, epidemiologia em saúde, fundamentos de ciências sociais, programas de saúde, administração e planejamento. Eles ocorrem sob a supervisão técnica do fisioterapeuta do local onde o estágio é realizado, e da supervisão pedagógica do docente, que é vinculado à instituição de ensino. Portanto, são três os atores que interagem nesse processo: aluno/estagiário - fisioterapeuta, supervisor técnico e docente - supervisor pedagógico.

2.2 RECURSOS PARA COLETA DE DADOS

Utilizei como recurso para a coleta de dados a entrevista individual semi-estruturada (roteiro-apêndice I), a qual pretendeu reunir elementos que auxiliassem na busca por melhor compreender as questões de pesquisa.

Segundo Lüdke e André a entrevista semi-estruturada “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (1986, p. 34). As entrevistas foram realizadas com quatro egressos do curso de Fisioterapia da UCPel.

Assim sendo, a fim de operacionalizar a pesquisa, em abril de 2011, entrei em contato com alguns egressos que, através de informações da coordenação do Curso de Fisioterapia, soube que estavam trabalhando na área de Saúde Pública. Entrei em contato com as pessoas indicadas através de e-mail, expliquei o estudo que pretendia realizar e prontamente os egressos se manifestaram positivamente sobre a possibilidade de colaborarem na pesquisa. Acordei que entraria em contato novamente, via email e telefone, para encontrá-los pessoalmente e realizar a entrevista. Todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (modelo anexo II). No mês de Julho de 2011, retomei os contatos e o trabalho foi desenvolvido com quatro colaboradores³.

Em meados de agosto, entrevistei a última colaboradora, depois de transcritas as entrevistas, passei à fase de “olhar atentamente para os dados da pesquisa” (GOMES, 2010, p. 68). Elaborei um quadro com o intuito de melhor distribuir as falas de cada entrevistado, para adiante compará-las e categorizá-las. Desse modo, foi possível fazer a análise e a interpretação dos dados, buscando compreendê-los por meio de categorias agrupadas por “elementos, ideias ou expressões” (*ibid.*, p. 70) que se aproximassem de um conceito mais amplo.

A abordagem dos dados foi qualitativa. Esse tipo de abordagem favorece um relacionamento com maior permanência e flexibilidade entre o pesquisador e os entrevistados, que lidam com as informações mais subjetivas, de abordagens mais amplas e com maior riqueza de detalhes.

³ Tive contato com cinco pessoas com as características e critérios determinados na pesquisa, entretanto, só consegui incorporar ao trabalho os quatro sujeitos descritos a seguir.

2.3 APRESENTANDO OS SUJEITOS DA PESQUISA

Foram escolhidos quatro egressos do curso de Fisioterapia da UCPel formados entre 2007 e 2010⁴. Os critérios de escolha dos sujeitos foram: estar atuando em saúde pública e ter se formado em Fisioterapia na UCPel nos anos referidos. Foi definido que teríamos pelo menos um formando de cada turma⁵.

A seguir farei uma breve apresentação de cada um dos egressos entrevistados, que receberam nomes de flores, garantindo assim, seu anonimato.

Cravo – Formou-se no ano de 2007 na primeira turma do curso de Fisioterapia da UCPel, tem 27 anos de idade, sexo masculino, trabalha a 04 (quatro) anos na Unidade Básica de Saúde da cidade de Arroio do Padre, passou por concurso público para ingressar como Fisioterapeuta na Estratégia Saúde da Família no município citado, sua carga horária de trabalho é de 30 horas semanais e reside em Pelotas/RS.

Azaléia - Formou-se no ano de 2008 no curso de Fisioterapia da UCPel, tem 26 anos de idade, sexo feminino, trabalha a 01 (um) ano como fisioterapeuta em uma Unidade Básica do município de Rio Grande, tendo ingressado através de concurso público realizado pela prefeitura municipal. Atua também como docente em uma Instituição privada na mesma cidade na área de saúde pública. É mestranda em Ciências da Saúde pela FURG e reside atualmente em Rio Grande.

Jasmim – Formou-se no ano de 2009 no curso de Fisioterapia da UCPel, tem 25 anos de idade, sexo feminino, trabalha a 09 (nove) meses em uma Unidade Básica de Saúde da cidade de Morro Redondo como fisioterapeuta, ingressou através de concurso público realizado pela prefeitura, tem carga horária de 30 horas semanais e nos horários disponíveis atende pacientes particulares, está realizando especialização na área de Geriatria e Gerontologia em Porto Alegre pela Universidade Gama Filho e reside em Pelotas/RS.

Violeta – Formou-se no ano de 2010 no curso de Fisioterapia da UCPel, tem 23 anos de idade, sexo feminino, trabalha a quase 01 (um) ano na Unidade Básica do município de São José do Norte como fisioterapeuta, ingressou através de uma seleção e foi contratada pelo município para exercer o cargo. Tem carga horária de

⁴ Por ser um Curso recente existem apenas quatro turmas concluintes.

⁵ O fato de os sujeitos terem de estar atuando na área de saúde pública limitou significativamente o número de participantes. É possível que existam outros profissionais das quatro turmas atuando na área, mas não tive conhecimento ou acesso aos mesmos.

40 horas semanais e nos horários disponíveis atende pacientes particulares, iniciou em agosto deste ano uma especialização em Porto Alegre na área de Saúde da Família, reside em São José do Norte/RS.

A seguir serão trabalhados alguns conceitos que norteiam o tema e problema de pesquisa.

3 ESTÁGIO CURRICULAR: ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS

*Mas na profissão, além de amar tem de saber. E o saber
leva tempo pra crescer.*

Rubem Alves

Inicialmente, para auxiliar a compreensão do conceito de estágio, será trazida a definição etimológica do termo que, segundo o Dicionário Aurélio é:

Período de estudo prático exigido dos candidatos ao exercício de certas profissões liberais: Estágio de engenharia; estágio pedagógico. Período probatório, durante o qual uma pessoa exerce uma atividade temporária em uma empresa. Aprendizagem, experiência.

Conforme Oliveira e Cunha (1996) pode-se ainda conceituar Estágio Supervisionado como qualquer atividade que propicie ao aluno adquirir experiência profissional específica e que contribua de forma eficaz, para sua absorção pelo mercado de trabalho. Enquadram-se nesse tipo de atividade as experiências de convivência em um ambiente de trabalho com cumprimento de tarefas com prazos estabelecidos, trabalho em um ambiente hierarquizado e com componentes cooperativistas ou corporativistas, etc. O objetivo é proporcionar ao aluno a oportunidade de aplicar seus conhecimentos acadêmicos em situações da prática profissional clássica, criando a possibilidade do exercício de suas habilidades. Espera-se, com isso, que o aluno tenha a opção de incorporar atitudes práticas e adquirir uma visão crítica de sua área de atuação profissional.

Segundo Alarcão (1996), o estágio deve ser considerado tão importante como os outros componentes curriculares. Afirma que os próprios docentes, ainda não deram o devido valor a essa etapa da formação. Segundo a autora, o estágio pedagógico é considerado uma espécie de “parente pobre” das demais disciplinas, porque a Universidade abre mão da sua função de ajudar o aluno a relacionar teoria e prática e, a saber, servir-se do saber para, com ele, resolver problemas práticos. A Lei nº 11.788, que dispõe sobre o estágio obrigatório e não-obrigatório, no Art. 1º retrata:

Estágio é o ato educativo supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial

e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

§ 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando.

§ 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.

Art. 2º O estágio poderá ser obrigatório ou não-obrigatório, conforme determinação das diretrizes curriculares da etapa, modalidade e área de ensino e do projeto pedagógico do curso.

§ 1º Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma.

§ 2º Estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória.

§ 3º As atividades de extensão, de monitorias e de iniciação científica na educação superior, desenvolvidas pelo estudante, somente poderão ser equiparadas ao estágio em caso de previsão no projeto pedagógico do curso.

Ampliando os conceitos apresentados até o momento, a exemplo do que diz Kulcsar (1994), entendo que o estágio

[...] não pode ser encarado como uma tarefa burocrática a ser cumprida formalmente [este] Deve, sim, assumir a sua função prática, revisada numa dimensão mais dinâmica, profissional, produtora, de troca de serviços e de possibilidades de abertura para mudanças. (1994, p. 65)

Diante do exposto, o estágio é considerado um momento de fundamental importância no processo de formação profissional. Constitui-se em uma aprendizagem que possibilita ao estudante, dentre outros aspectos, vivenciar o aprendido na faculdade, tendo como função integrar as inúmeras disciplinas que compõem o currículo acadêmico, dando-lhes unidade estrutural e testando-lhes o nível de consistência e o grau de entrosamento. Begot e Nascimento (2002) relatam que o estágio funciona como uma “janela do futuro” através do qual o aluno antevê seu próximo modo de viver a profissão. Deve ser uma passagem do “saber sobre” para o “saber como”; um momento de validação do aprendizado teórico e prático em confronto com a realidade.

Pimenta e Gonçalves (1990) consideram que a finalidade do estágio é propiciar aos acadêmicos uma aproximação à realidade na qual atuará profissionalmente. Assim, o estágio se afasta da compreensão até então corrente, de que seria a parte prática do curso. As autoras defendem uma nova postura, uma redefinição do estágio, que deve caminhar para a reflexão, a partir da realidade.

O Estágio Supervisionado tem como objetivo principal cumprir de forma eficiente o papel de elo entre os mundos acadêmico e profissional, ao possibilitar ao

estagiário a oportunidade de conhecimento das realidades humanas, das diretrizes e do funcionamento das organizações e suas inter-relações com a comunidade.

De acordo com as autoras Pimenta e Lima (2004, p.102), “O estágio pode ser um espaço de convergência de experiências pedagógicas vivenciadas no decorrer do curso e, principalmente, ser uma contingência, mediada pelas relações sociais historicamente situadas”. Nesse sentido o estágio favorece a vivência e promove o desenvolvimento no campo profissional dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos por estes alunos-estagiários. Pimenta e Lima (2004) abordam outras e diferentes concepções de estágio que serão discutidas a seguir:

- a) O estágio visto pela prática como imitação de modelos que: “reduz-se a observar os professores em aula e imitar esses modelos, sem preceder a uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 36). Nessas condições o estágio fica caracterizado pela reprodução, gerando o conformismo, limitando-se a sala de aula, sem analisar o contexto escolar;
- b) O estágio visto pela prática como instrumentalização técnica. Nessa perspectiva as autoras colocam que o exercício de qualquer profissão é técnico, no sentido de que é necessária a utilização de técnicas para executar as operações e ações próprias, e o estágio nessa perspectiva fica reduzido unicamente ao momento da prática, ao “como fazer”. Ainda conforme as autoras Pimenta e Lima (2004, p. 37): “A prática pela prática são isoladamente, o que gera equívocos graves nos processos de formação profissional [...] e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática”;
- c) O estágio como pesquisa e a pesquisa no estágio: “se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem posturas e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhe permita ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 46). Estas autoras defendem o estágio como pesquisa porque as duas concepções apresentadas anteriormente não atendem mais as exigências do momento atual.

Enquanto que nesta concepção o estágio possibilita ao aluno fazer uma ação-reflexão-ação durante suas aulas.

O estágio abre espaço para os professores orientadores proporem a mobilização de pesquisas para ampliar a compreensão das situações vivenciadas e observadas nas escolas, nos sistemas de ensino e nas demais situações ou estimularem, a partir desta vivência, a elaboração de projetos de pesquisa a ser desenvolvidos concomitantemente ou após o período de estágio. (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 51).

As três perspectivas de estágio apresentadas anteriormente parecem retratar o que observo na minha prática como professora orientadora de estágio. São planejadas diversas atividades, ora predominando uma, ora outra.

O estágio, normalmente, é identificado como a parte prática dos cursos de formação. E, apesar da autora fazer referência a um estudo com a formação de professores, encontro consonância com o que ocorre na formação do fisioterapeuta. Ou seja, professores e alunos do Curso, predominantemente, também identificam o estágio como a parte prática. Pimenta (1994, p.45), conclui que o estágio, ao contrário do que se propõe, não é atividade meramente prática, mas teórica também.

Nesse sentido, o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade. Firma-se também nesse contexto o papel do supervisor⁶ de estágio que, como afirma Alarcão (1996), além de encaminhar o aluno para o local de estágio, ele acompanha e orienta o aluno durante todo o processo, bem como em encontros individuais e coletivos, exigindo a capacidade de articular conhecimentos teóricos e práticos, para a inserção dos estagiários no contexto escolar e reflexão crítica.

Para a operacionalização do estágio supervisionado há que se considerar a participação destes três sujeitos, com seus respectivos papéis e funções, cuja interação deve se dar na direção de um processo construtivo da supervisão e do estágio. O aluno, nessa tríade, estabelece o vínculo entre a Instituição e a Universidade. Se isolarmos um desses atores do processo, certamente haverá uma ruptura prejudicando a relação de interdependência e cooperação para o sucesso do estágio. Buriolla (2001) diz que o estágio é campo de treinamento e espaço de aprendizagem do fazer concreto.

⁶ Denominei supervisor, pois a Lei 11788 chama de supervisor o professor da IES formadora e orientador o professor da instituição que recebe o estagiário.

“O estágio é o *locus* onde a identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativamente e sistematicamente” (BURIOLLA, 2001, p. 13).

O estágio pode ser desenvolvido em órgãos públicos e/ou privados, instituições de ensino – dependendo do curso de formação – dentre outros, sob coordenação e responsabilidade da universidade através do supervisor acadêmico, e em cursos como o serviço social conta ainda com o apoio do supervisor de campo. Essa fase de aprendizado consiste na preparação do acadêmico para a inserção no mercado de trabalho, inter-relacionando e integrando a formação acadêmica – mais especificamente a teoria aprendida em sala - com a prática profissional. Assim, o acadêmico insere-se no campo com o propósito de apreender sua profissão, a realidade prática e sua ligação com a teoria, bem como o emprego das técnicas e instrumentos comuns ao cotidiano da profissão.

É nessa perspectiva que o estágio dá sua devida contribuição à formação do acadêmico, na sua inserção à vivência prático-profissional, na aplicação do conhecimento teórico, na vivência real com o cotidiano do exercício da profissão, no emprego de técnicas e instrumentos que se vinculam à realização desta como base para um aprendizado completo da formação profissional.

O Artigo 7º, da Resolução CNE/CES nº 4, de 19 de fevereiro de 2002 definiu que os estágios curriculares para a formação do fisioterapeuta devem atingir 20% da carga horária total do curso. Essa carga horária estabelecida deve assegurar práticas de intervenções preventivas e curativas nos diferentes níveis de atuação: ambulatorial, hospitalar, comunitário e unidades básicas de saúde, entre outros. Além disso, as atividades práticas específicas devem ser realizadas gradualmente desde o início do curso, em complexidade crescente, desde a observação até a prática assistida, conforme orientação do Artigo 13º, o qual se refere à estrutura do curso de graduação em Fisioterapia.

Os estágios supervisionados do curso, dentro desse contexto, compreendem atividades teórico-práticas sob orientação docente em situação real, a ser desenvolvido, no decorrer do curso, em complexidade crescente e obedecendo as normas do Conselho Regional de Fisioterapia e as orientações das Diretrizes Curriculares.

A avaliação relativa a desempenhos e resultados, caracterizada como processual, pressupõe a retomada e reorientação de aspectos considerados passíveis de aperfeiçoamento, observando as normas institucionais em vigência.

Os estágios não se constituem em meros apêndices curriculares estes devem originar propostas de interferência e quando necessária transformação dos seus campos, com vistas a ajustes e/ou melhorias necessárias.

Essa perspectiva do estágio leva a refletir acerca do próprio curso de fisioterapia, bem como da formação do fisioterapeuta. A seguir serão apresentados alguns elementos balizadores dessa formação no Brasil, buscando esclarecer como a área de saúde coletiva tem sido menos valorizada no contexto nacional, o que acaba refletindo nos estágios comunitários.

4 FORMAÇÃO E PRÁTICA DO FISIOTERAPEUTA: ELEMENTOS PARA PENSAR OS ESTÁGIOS COMUNITÁRIOS

Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.

Paulo Freire

A produção científica brasileira na área da Fisioterapia tem apontado algumas iniciativas sobre a discussão da profissão. Informações que incluem na história da fisioterapia a discussão do processo de profissionalização e o desenvolvimento da identidade do profissional dessa área são encontradas em maior quantidade, mas a escassez de literatura relacionada ao estágio na área é muito grande.

Rebellato e Botomé (1987) são pioneiros no estudo sobre a profissionalização da fisioterapia no Brasil. No livro *Fisioterapia no Brasil: fundamentos para uma ação preventiva e perspectivas profissionais*, publicado em 1987, os autores apresentam uma análise da situação dos cursos e da problemática do ensino de Fisioterapia na década de 70. Analisam currículos e ementas das disciplinas de 15 cursos de Fisioterapia que se apresentavam em destaque na época, comparando-os com a legislação que rege a profissão. Concluem que esse estudo, embora examine as características de atuação profissional e do ensino no campo da fisioterapia não permite responder o que caracteriza essa atuação.

Os dados, porém, indicam claramente que é possível desenvolver o campo de atuação desde que o ensino se apóie em um conhecimento de boa qualidade e adequado à realidade social do País. Nesse sentido, a revisão e a reformulação dos cursos de graduação, do currículo e da legislação devem buscar a reorganização da inserção da fisioterapia tanto na sociedade como na Universidade. Ao lado disso, os autores afirmam que os envolvidos no ensino orientam, mesmo que por omissão ou passividade, o que será a profissão nos anos seguintes. Nesse contexto, rever a maneira como os estágios estão sendo organizados, parece ser uma urgência.

Almeida (1996) faz um estudo sobre a prática profissional de fisioterapeutas enfocando as ações educativas no atendimento ao cliente. A autora afirma que a atuação essencialmente técnica do fisioterapeuta apresenta-se como um desvio na formação deste profissional. Mediante entrevistas com fisioterapeutas com atuação

clínica, se caracterizou aspectos da prática profissional e os resultados desse trabalho apontam que a ênfase às ações educativas apresenta-se mais freqüentemente nos atendimentos particulares. O estudo identifica que os profissionais que atendem por intermédio de convênios privados e do SUS justificam a dificuldade em ter pouco tempo para as ações educativas em razão da necessidade de atender grande demanda, além de reclamarem da falta de autonomia profissional. Entretanto, essas questões pouco são discutidas no momento de formação, inclusive naquele direcionado ao estágio, que poderia contribuir para minimizar problemas evidenciados na prática do fisioterapeuta.

A formação para a área da saúde⁷ deveria ter como objetivos a transformação das práticas profissionais e da própria organização do trabalho e estruturar-se a partir da problematização do processo de trabalho e sua capacidade de dar acolhimento e cuidado às várias dimensões e necessidades em saúde das pessoas, dos coletivos e das populações.

O perfil do profissional Fisioterapeuta está conectado às mudanças comportamentais, sociais, culturais, políticas e econômicas na contemporaneidade, o Curso de Fisioterapia contempla uma formação generalista, que vai ao encontro das diretrizes curriculares dos cursos de graduação em saúde, dando ênfase na promoção do indivíduo tanto no que se refere às necessidades especiais quanto na sua interação com o outro em diferentes contextos educativos. Este perfil de formação está embasado também em uma concepção da saúde emitida pela Organização Mundial da Saúde: Um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade.

Neste sentido, a formação generalista, humanista, crítica e reflexiva torna o indivíduo qualificado para o exercício profissional com base no rigor científico e intelectual, pautado no princípio ético. A preocupação com a prática fisioterápica emerge historicamente do interesse da humanidade pela saúde, no qual se inclui a busca de possibilidades e/ou o reconhecimento de limitações do movimento humano, tanto em seus aspectos funcionais, como em características ligadas à estética.

⁷ Entre os diversos profissionais dessa área incluem-se os médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas, assistentes sociais, fonoaudiólogos, dentistas, terapeutas ocupacionais, psicólogos, biomédicos, farmacêuticos, entre outros.

A Fisioterapia comemorou 40 anos de regulamentação no dia 13 de outubro de 2009, a evolução da profissão nestes 40 anos deixa explícito que muito foi conquistado, porém muito mais ainda é preciso conquistar. Na década de 30 aqui no Brasil, os serviços de fisioterapia eram realizados por médicos denominados “médicos de reabilitação”. Com o envolvimento direto do Brasil na Segunda Guerra Mundial houve o desenvolvimento da Fisioterapia como prática recuperadora das seqüelas físicas e também a modernização dos serviços fisioterapêuticos.

Em 1951, foi realizado o primeiro curso para formação de técnicos em Fisioterapia pela Universidade de São Paulo e em 1963, a Fisioterapia se tornou curso superior, mas a atuação dos fisioterapeutas estava subordinada aos médicos. Somente em 1969, com o Decreto Lei 938 de 13 de outubro, as profissões de Fisioterapia e Terapia Ocupacional foram regulamentadas.

Hoje como conseqüência da preocupação crescente com a qualidade do atendimento oferecido à população, a Fisioterapia alcançou sua importância entre as ciências da saúde.

Para alcançar este patamar os fisioterapeutas tiveram que mostrar, à sociedade e a outros profissionais, seu contínuo aperfeiçoamento com base em fundamentos científicos. Além disso, os profissionais tiveram que aperfeiçoar e apresentar formas de intervenção que permitissem mostrar que sua atuação é capaz de abranger todos os níveis de saúde com eficácia.

O conceito de saúde abrange um conjunto de fatores como sócio-econômico, alimentação, meio ambiente, saneamento básico, entre outros. Além disso, o atendimento em saúde é interdisciplinar, ou seja, caracterizado pela integração e pela troca entre as várias áreas do conhecimento. Cabe, então, ao fisioterapeuta se inserir neste contexto interdisciplinar de maneira eficaz e produtiva, consciente de sua competência científica, atuando de forma ética na promoção, manutenção, prevenção, proteção e recuperação da saúde. É fundamental que o profissional esteja comprometido com o ser humano em toda a sua essência, respeitando-o e valorizando-o.

A garantia de saúde para todos, estabelecida na Constituição Federal de 1988, demanda um grande desafio para os profissionais de saúde no século XXI: consolidar o SUS, baseando-se nos princípios de integralidade, equidade e universalidade, num sistema regionalizado e descentralizado. Muitos avanços foram alcançados, como a reorganização da atenção básica, com maior potencial de

descentralização e autonomia dos gestores locais; a criação e a manutenção do Programa Saúde da Família (PSF); além de outras opções estruturantes que visam à inversão do modelo assistencial, demandando novas habilidades e competências aos profissionais de saúde, e em especial ao fisioterapeuta. Esse novo profissional deve ser capaz de desempenhar suas funções específicas e de estabelecer relações de trabalho em equipe em diversos contextos, deve, obrigatoriamente, ter a habilidade de se manter em processo permanente de formação e atualização e gerir suas relações com os diversos atores da área da saúde: gestores, profissionais dos serviços e comunidade.

A atenção Primária à Saúde, sendo considerada como a “porta de entrada” para o sistema de saúde, configura-se como um novo local de trabalho aos profissionais de saúde, incluindo o fisioterapeuta. A Organização Mundial de Saúde (OMS) preconiza que 80% dos problemas de saúde devem ser resolvidos no primeiro nível de atenção à saúde. Dessa maneira, os gestores devem planejar um novo modelo de assistência à população, dando respostas efetivas e eficazes aos problemas locais de saúde de uma comunidade.

Dessa forma, a atuação desde o estágio, na área de saúde coletiva se faz necessária. São poucos cursos, nacionalmente falando, que se sensibilizaram para a atuação e formação nesse segmento e a UCPel se distingue por ter iniciado um trabalho, ainda que modesto, na área.

Ainda é preciso esforço para provar que muitas mudanças são necessárias e para isto é necessário lutar junto com as entidades representativas de classe para tornar mais evidente as funções da Fisioterapia, suas áreas de atuação e seu objeto de trabalho. É importante ressaltar que nenhuma profissão atingiu a plenitude dos seus direitos profissionais, sem a participação efetiva de cada profissional. A busca pelos direitos da classe é um dever de cada profissional e cabe a ele não aceitar as violações ao seu pleno direito de exercer conscientemente e com dignidade sua profissão. Essa luta não isenta os cursos de formação que acabam tendo um papel muito relevante na definição do que cabe ao fisioterapeuta.

5 O PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA: ALTERNATIVA PARA A ATUAÇÃO E ESTÁGIO DO FISIOTERAPEUTA

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Paulo Freire

A implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) e o contexto sócio-econômico e político brasileiro que apresenta grandes oscilações, constituem-se em grandes desafios na formação e capacitação de recursos humanos em saúde. Nesse cenário, o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação têm enfatizado a importância de reformulação do ensino superior Brasileiro visando adequá-lo às necessidades do país e, portanto, do Sistema Único de Saúde, preconizando um novo perfil de profissional da área de saúde. Tal perfil caracteriza-se pela formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, que capacite o profissional a atuar em todos os níveis de atenção à saúde, com base no rigor técnico e científico dirigindo sua atuação para a transformação da realidade em benefício da sociedade (BRASIL, 2002).

Em 1988 a Assembléia Nacional Constituinte aprovou a nova Constituição Brasileira. Denominada de Constituição Cidadã, ela trouxe pela primeira vez uma Seção sobre Saúde. Tal seção incorporou muitos conceitos e propostas da VIII Conferência Nacional de Saúde. Acúrcio (2002) afirma que, na essência, a Constituição adotou as propostas da Reforma Sanitária e do SUS.

A Saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos à saúde e a acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (BRASIL, 1998).

Com o propósito de reorganizar a prática da atenção à saúde em novas bases e substituir o modelo tradicional, levando a saúde para mais perto da família e, com isso, melhorar a qualidade de vida dos brasileiros, o Ministério da Saúde criou, em 1994, o Programa Saúde da Família (PSF), com intuito de consolidar e aperfeiçoar as doutrinas e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), principalmente nos serviços de atenção primária (BRASIL, 1996). Esse programa é a principal base norteadora dos estágios comunitários do Curso de Fisioterapia da

UCPel, pois, todo embasamento teórico e prático é fundamentado por essa estratégia que atualmente está sendo implantada em algumas Unidades Básicas de Saúde (UBS).

O objetivo geral da estratégia Saúde da Família é:

Contribuir para a reorientação do modelo assistencial a partir da atenção básica, em conformidade com os princípios do Sistema Único de Saúde, imprimindo uma nova dinâmica de atuação nas unidades básicas de saúde, com definição de responsabilidades entre os serviços de saúde e a população (BRASIL, 1997).

Segundo Mendes (1996), a estratégia de organização da atenção primária dirigida às famílias e seu habitat (Programa de Saúde da Família) apresenta ênfase na promoção de saúde e na prevenção, sem, no entanto, descuidar-se do curativo reabilitador; apresenta, ainda, alta resolutividade e baixos custos diretos e indiretos. Essa estratégia apresenta-se como o eixo norteador dos serviços de atenção básica e possui como objeto de trabalho a família com todas as características loco – regionais que ela possui (BRASIL, 1996).

O PSF vem para romper com o modelo assistencial clínico, centrado na consulta médica, na supervalorização da rede hospitalar, na cultura da medicalização, na pré-consulta e na pós-consulta e, sobretudo no descompromisso e na falta de humanização nas ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde dos indivíduos em determinada área de abrangência (ANTUNES; EGRY, 2000).

Nesse contexto, observo que o fisioterapeuta tem sido um profissional extremamente importante, junto com a equipe, na construção desse novo modelo de atenção à saúde, visto que desenvolve suas atividades em nível de prevenção e reabilitação juntamente com a equipe médica, de enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde (ACS). A capacitação dos profissionais que atuam na equipe da Estratégia da Saúde da Família (ESF) e o estímulo crescente do usuário na responsabilidade e construção do auto-cuidado são requisitos essenciais para a profunda transformação do SUS, principalmente na assistência básica, pois promove uma revolução no papel da cidadania, da liberdade e da autonomia desses sujeitos.

Tendo em vista essa perspectiva, a organização curricular do curso de Fisioterapia da UCPel tem como base norteadora para os estágios comunitários o Programa Saúde da Família (PSF). São visitados pelos acadêmicos do Curso

diversas unidades das comunidades como: Unidades Básicas de Saúde, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Associação de Diabéticos, Escola para deficientes visuais. Esse segmento é uma realidade nova e coloca-se também como opção de estágio para os alunos do curso de fisioterapia, já que a preferência dos estudantes nos estágios, geralmente, é pelo espaço hospitalar ou clínicas.

Na experiência em trabalhos desenvolvidos junto ao PSF, como é o caso dos estágios comunitários, a situação é bastante diferente da experiência em hospitais ou clínicas. O trabalho é realizado em diversas comunidades, geralmente na periferia da cidade de Pelotas, numa forma de atuação em que apenas a habilidade técnica se mostra insuficiente para entender os problemas de saúde e intervir de maneira significativa naquela realidade.

A aproximação com a realidade social das classes populares e a convivência com o cotidiano desses sujeitos permite aos estudantes uma compreensão sobre o processo saúde-doença e o ser humano com quem estabelecem a relação terapêutica diferente da que ele constrói ao longo da vida acadêmica. Costumeiramente, entre os profissionais de saúde, o ser humano doente é transformado em doença, tendo sua dimensão humana negada e sendo visto como um quadro clínico. O termo paciente tem sempre a ver com doença, restringe as pessoas a um quadro clínico, a algo passível de ser tratado, um problema a ser resolvido pela Medicina e áreas afins, como a Fisioterapia. Desse modo, não se fala em pessoa, em ser humano, que é muito mais que uma doença, é alguém que é capaz de entender seu problema e agir sobre ele, tem histórias de vidas.

Assim, conhecendo de perto esses sujeitos, os acadêmicos têm a oportunidade de estabelecer outra relação com a área na qual vão atuar, fazendo uma “leitura do campo de atuação” mais contextualizada e menos idealizada, além de atuarem diretamente com outros profissionais da área da saúde, exercendo um trabalho multidisciplinar que é o eixo norteador do Programa Saúde da Família.

O estágio comunitário supervisionado do curso de Fisioterapia, assim como o PSF, revela-se como o espaço ideal para a inserção da Fisioterapia na atenção básica, principalmente por considerar o usuário na integralidade, envolvendo questões relacionadas à saúde como: moradia, saneamento básico, renda, lazer, acesso aos serviços de saúde, não estando limitado apenas à doença, mas sim tendo como foco a saúde e a qualidade de vida da comunidade.

A construção de um processo formativo efetivo voltado para os profissionais da unidade básica de saúde se traduz na possibilidade de oferecer um serviço de melhor qualidade, aumento na resolutividade, visão mais abrangente da necessidade do usuário, programação de ações para a saúde, intervenção efetiva em relação aos problemas locais, dentre outros.

Diante dessa realidade, o Ministério da Saúde, em parceria com os órgãos formadores, pólo de capacitação do PSF, dentre outros segmentos da sociedade, criou uma estratégia para o desenvolvimento da ação educativa com os profissionais de saúde. Essa proposta deve ser exercida por meio da construção de uma educação permanente sustentada pela concepção de aprendizagem significativa que promova e produza sentidos, proporcionando a transformação das atividades profissionais mediante a reflexão crítica sobre as práticas reais dos serviços de saúde (BRASIL, 2003 b).

A adoção da educação permanente em saúde é a estratégia fundamental para a reformulação das práticas de gestão, atenção, formação e controle social no setor (BRASIL, 2003 b).

Nessa proposta de educação, o processo de aprendizagem tem natureza participativa e apresenta como eixo principal o trabalho cotidiano nos serviços de saúde. Isso ocorre porque é precisamente no âmbito do trabalho que se consolidam e se constroem os comportamentos e formas de atuação profissional, individual e coletiva (ALMEIDA, 1999).

Portanto, é necessário conhecer as condições inerentes ao desenvolvimento das atividades dos profissionais da equipe de saúde da família, bem como o ambiente de trabalho onde eles atuam para que seja criado um programa de educação de acordo com a realidade deles e voltado para os seus anseios. Apesar das propostas efetivamente explicitadas, durante minha experiência profissional, seja no âmbito hospitalar ou na atenção básica, observo que as atividades educativas desenvolvidas pelos fisioterapeutas com os demais profissionais da equipe de saúde são assistemáticas, desorganizadas, fragmentadas, pontuais e amenizadoras de conflitos, o que dificulta a implantação de ações mais efetivas relacionadas a essa prática cotidiana.

6 OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS COMUNITÁRIOS NA VOZ DOS EGRESSOS DO CURSO DE FISIOTERAPIA DA UCPEL

Canção do Dia de Sempre
*Tão bom viver dia a dia...
 A vida assim, jamais cansa...
 Viver tão só de momentos
 Como estas nuvens no céu...
 E só ganhar, toda a vida,
 Inexperiência... esperança...
 E a rosa louca dos ventos
 Presa à copa do chapéu.
 Nunca dê um nome a um rio:
 Sempre é outro rio a passar.
 Nada jamais continua,
 Tudo vai recomeçar!
 E sem nenhuma lembrança
 Das outras vezes perdidas,
 Atiro à rosa do sonho
 Nas tuas mãos distraídas...*
Mário Quintana

Neste capítulo serão discutidas as questões suscitadas pelos sujeitos durante as entrevistas, a partir da análise dos dados que emergiram da questão central que foi investigar, na concepção dos egressos, as possíveis contribuições dos Estágios Supervisionados Comunitários do Curso de Fisioterapia da UCPEL para as suas práticas profissionais em saúde pública. Na tentativa de melhor visualizar os destaques das entrevistas foi realizada a seguinte categorização: constituição e possíveis contribuições do estágio comunitário; supervisão dos estágios; e, limites dos estágios. Na seqüência, passarei a trabalhar cada uma delas.

Como se constituíram e as possíveis contribuições dos estágios comunitários> uma questão elaborada para os egressos buscou entender o que eles destacaram em relação à constituição e possíveis contribuições dos estágios. Apresento uma fala que parece ser representativa das demais, relata o egresso Cravo:

Os estágios supervisionados comunitários iniciaram no meio do curso, mais precisamente no 5º semestre. Iniciamos com aulas teóricas em sala de aula que serviam de orientação para colocarmos em prática nos campos de estágios. Sempre eram discutidos artigos sobre saúde coletiva e casos clínicos relacionados à promoção de saúde e patologias. Os estágios nesse semestre ocorriam três vezes por semana, sendo duas de teoria e uma de prática nos campos de estágios que revezávamos a cada três ou quatro semanas. [...] tinham as outras disciplinas também [...] Já no 6º e 7º semestre atuávamos como educadores e reabilitadores em saúde. Era uma vez por semana a ida às UBS's e nos outros dois dias ficávamos na clínica de fisioterapia prestando atendimento aos pacientes.

Outra pessoa entrevistada aponta ainda para uma nuance do estágio comunitário não destacada pelos demais colaboradores e diz respeito ao caráter mais “humanizado” que, segundo ela, este possibilita.

Nem sempre vamos conseguir alcançar um nível de profundidade, no encontro com o outro. Mas a gente tem que se ajudar a viver isso na vida, e em todos os níveis [...] Ter uma visão, por exemplo, de compromisso com o povo [...] As coisas são muito ligadas; você pode ser eficiente, profissionalmente falando, pode até realizar bem as suas tarefas, mas, para mim, isto não bastava! Nesta perspectiva, o estágio é o espaço onde isso acontece, é aonde isso vai se realizar e se efetivar (Violeta)

A atribuição dessa egressa era atender pessoas com problemas físicos, geralmente encaminhados pela supervisão de estágio, mas, na visão de Violeta, seu papel deveria considerar a história de vida de cada paciente e sua situação global ampliando, assim, as barreiras institucionais de seu estágio para outras vivências humanas. As relações estabelecidas entre paciente e estagiário parece ter ganhado outra dimensão no estágio comunitário. Essa modalidade se mostra mais suscetível a estas nuances.

Outro fato evidenciado pelos entrevistados foi à possibilidade de aprenderem a trabalhar em atividades coletivas em comunidades e de entrar em contato com uma realidade e um tipo de atendimento diferente do vivenciado em hospitais e clínicas tradicionais de fisioterapia.

Três sujeitos⁸ afirmaram que os estágios comunitários trouxeram oportunidades a eles de realizarem atividades extramuros diferenciadas do que realizavam em outros campos de estágio, pois nos demais estágios eles eram preparados para o atendimento individual e reabilitador, não havendo atividades coletivas voltadas para a promoção de saúde das pessoas.

Segundo Teixeira e Oliveira (2007, p. 61) “O estagio possibilita ao estudante enfrentar situações reais, permite a vivência prática e oportuniza ao aluno expressar e desenvolver seu potencial científico, humanístico e ético”. Não quer dizer que outros elementos curriculares não façam isso, mas o estágio, principalmente o comunitário, tem se mostrado favorável a esse tipo de aprendizagem.

Vale ressaltar que ao ingressar no Curso, os egressos disseram não se interessarem pela área de saúde pública ou comunitária. Alguns deles sequer sabiam que a fisioterapia atuava ou poderia atuar na saúde comunitária, porém,

⁸ Cravo, Jasmim e Violeta.

durante a graduação começaram a se interessar. Nesse sentido o estágio foi mencionado como um componente curricular que possibilitou o interesse pela área. Vislumbrar a possibilidade de atuação em mais uma área no mercado de trabalho foi outro fator referido pelos egressos como possível contribuição ao realizarem os ECS. Trago o relato de Cravo quando afirma:

No início da graduação eu nem imaginava que a fisioterapia atuava na área de saúde pública, minha intenção era trabalhar na área de fisioterapia esportiva, mas com o decorrer do curso fui me interessando pela área, principalmente quando realizei o estágio comunitário I e II no 5º e 6º semestre do curso, pois observei uma área totalmente diferente do que pensava trabalhar.

Cabe destacar que pode ser entendido como responsabilidade do curso, instituição formadora, esclarecer acerca das possibilidades e alternativas que envolvem a futura profissão do estudante. Daí, a importância em existir esse tipo de estágio no Curso, pois como afirmou o Cravo, ele não imaginava a possibilidade da área de saúde pública, na fisioterapia.

Existe uma tendência nos currículos dos cursos de fisioterapia em não considerar a área de saúde coletiva como relevante para a formação do fisioterapeuta. Entretanto, quando a possibilidade existe, percebo entre os alunos, ou parte deles, o interesse pelo campo.

Desta forma, o estágio se mostra muito significativo à formação do aluno de Fisioterapia, enquanto pode lhe propiciar um momento específico de sua aprendizagem, uma reflexão sobre a ação profissional, uma visão crítica e dinâmica das relações existentes no campo institucional, tendo em vista possibilitar a elaboração de novos conhecimentos e mesmo o contato com o maior número possível de opções onde podem atuar os futuros fisioterapeutas. Afirmaram ainda que, sem esses estágios não teriam base teórica e prática para atuarem como fisioterapeutas comunitários.

Os quatro egressos mostraram-se realizados com a escolha que fizeram pela área comunitária. Faço uso das palavras de uma das entrevistadas, a qual retrata a percepção dos demais acerca da área. “Meus dois trabalhos⁹ são voltados para saúde pública, me sinto tranqüila e realizada atuando nessa área” (Jasmim).

⁹ Um dos trabalhos é no posto de saúde da cidade de Rio Grande, o outro é como supervisora de estágio e docente da disciplina de Saúde Coletiva no curso de Fisioterapia de uma Instituição Privada na cidade de Rio Grande.

Importante ressaltar que todos os entrevistados passaram por seleção pública realizada pela prefeitura municipal de cada cidade que trabalham, os quatro egressos atuam em Unidades Básicas de Saúde, onde o fisioterapeuta é integrante da equipe de saúde, diferente da cidade de Pelotas que atualmente tem cinquenta e cinco UBS's e nenhum fisioterapeuta contratado ou concursado e, apesar desses egressos serem a maioria da cidade de Pelotas, estão em outros municípios próximos trabalhando.

No Brasil, um bom exemplo vem de Belo Horizonte com a aprovação, em janeiro de 2007, da Lei nº 9.332, que inclui o fisioterapeuta no Programa Saúde da Família, ajudando a melhorar a qualidade de vida dos pacientes de 130 centros de Saúde daquela cidade. Em São Borja (RS), o Projeto de Atenção Domiciliar em Fisioterapia também demonstrou as vantagens da oferta desses serviços à comunidade. Ocorreu uma diminuição da fila de espera na clínica de fisioterapia, a racionalização do uso de ambulâncias ou veículos da secretaria no transporte diário de pacientes da fisioterapia e uma melhora na qualidade de vida dos pacientes.

Porém, apesar dessas evidências, os serviços de fisioterapia ainda não são ofertados à população em grande parte das cidades do Brasil. Uma recente pesquisa realizada pela Dra. Laís Helena Carvalho Marino, subchefe do Serviço de Fisioterapia do Hospital de Base de São José do Rio Preto, citada por Almeida (2008), mostrou que em nenhuma das 23 Unidades Básicas de Saúde (UBS) do interior de São Paulo e uma no Paraná há a oferta dos serviços de fisioterapia, no entanto, foi identificado que 71% da clientela dessas UBS possuem necessidade de tratamentos centrados na reabilitação e prevenção de doenças.

O fisioterapeuta, até pouco tempo atrás apresentava pouco destaque profissional na atenção primária à saúde. Os currículos dos cursos de fisioterapia existentes no Brasil priorizavam a ação curativa em detrimento do modelo assistencial vigente, dificultando sobremaneira a inserção do fisioterapeuta na Saúde Pública. O conceito de saúde vem transformando-se ao longo das últimas décadas, como apontei anteriormente, principalmente, no tocante ao modelo de saúde adotado, passando de um modelo hospitalocêntrico, curativo e reabilitador, para um modelo assistencial promotor da saúde, preventivo e principalmente contando com a participação popular e a interdisciplinaridade dos diferentes profissionais da saúde.

Neste contexto, percebo a importância da inserção do profissional fisioterapeuta como agente multiplicador de saúde, desenvolvendo suas atividades em interação com uma equipe multiprofissional e de forma interdisciplinar, nas Unidades Básicas de Saúde da Família.

Ter realizado os estágios comunitários foi considerado como relevante entre os entrevistados. A egressa Azaléia faz a seguinte afirmativa ao ser questionada acerca da possível contribuição destes:

Tenho certeza que sim! Sem a experiência que tive nos estágios comunitários na minha faculdade, hoje estaria totalmente despreparada para atuar na área de saúde pública, porque não é só a questão de atendimentos de fisioterapia que realizo, também faço palestras de promoção de saúde para a comunidade e sem o aporte dos estágios comunitários que recebi no curso de fisioterapia da UCPel estaria totalmente perdida e quem sabe até não tivesse conseguido passar neste concurso.

Conforme a afirmativa da entrevistada Azaléia percebo a importância dos estágios supervisionados comunitários do curso de Fisioterapia, que muitas vezes são discriminados por alunos e até mesmo pelos próprios professores da graduação, não dando o devido valor a abordagem. Rebelatto e Botomé (1987), Cordão (2000), Fontes (2001) e Morin (1990,1999) afirmam que, dentre as múltiplas variáveis que interferem e determinam às relações profissional/paciente, a qualidade dos cursos de graduação é de significativa relevância. Para os autores há certa unanimidade ao reconhecer validade de tese amplamente difundida e aceita nos meios acadêmicos da contemporaneidade, de que as intervenções profissionais são, em grande parte, influenciadas pelo tipo de formação desenvolvida durante o curso de graduação.

Botomé (1994) aponta para a responsabilidade da escola/universidade ao mencionar que,

(...) dependendo de como são concebidos a universidade e seus objetivos, o processo ensino-aprendizagem, nela desenvolvido estará orientando os futuros profissionais - e, como decorrência, seus campos de atuação - em direções provavelmente muito diferentes (1994, p. 73).

Entendo, portanto, que todo o contexto formativo anunciado, ganha mais ênfase no momento dos estágios, em especial, no caso deste estudo, os estágios em saúde pública.

A Supervisão de estágio> esta atividade denotou ser complexa e polêmica. Os entrevistados destacaram desde a sua concretização contínua, até a não-existência da mesma, na qual o fisioterapeuta apenas formalmente dá o nome de “supervisor” para constar nos documentos da Unidade de Ensino e cumprir uma exigência legal, sem, entretanto, “supervisionar” ou orientar efetivamente o estudante. A maioria dos supervisores se restringe a sanar dúvidas e não a refletir junto com o aluno a prática experienciada. Isso foi relatado por um sujeito da seguinte forma:

Passei por três supervisores no estágio comunitário, dois deles me inspiravam a tratar meus pacientes com carinho e competência, mas outro professor me deixava totalmente solta, muitas vezes nem aparecia no domicílio do paciente para me supervisionar e por isso nem sequer sabia das condutas que utilizava com meus pacientes, se estava correta ou não (Azaléia).

Outra entrevistada anuncia uma característica da supervisora de estágio, destacando:

Minha supervisora na época era muito tecnicista cobrava muito a questão das condutas técnicas utilizadas com os pacientes e não olhava para a precariedade que vivia aquela pessoa, sempre trancada em um quarto escuro, mal cuidada pelo marido e [a supervisora] não cobrava de mim e meus colegas uma visão mais globalizada dos pacientes (Violeta).

O que fica evidente nas falas transcritas, tanto da Azaléia, quanto da Violeta é que a supervisão de estágio é significativa para o aluno em formação, nesse caso, o estagiário em fisioterapia. É caracterizada como uma aprendizagem, onde supervisor e estagiário vivenciam experiências fazendo ambos refletir sobre a sua ação.

O fato de a prática profissional do supervisor de estágio ocorrer na dinâmica das relações sociais, no âmbito das instituições sociais com representações advindas do supervisor e também do estagiário. Portanto, a matéria-prima da supervisão em Fisioterapia ao nível de formação profissional, em última instância é o agir profissional (objetivo e subjetivo) do fisioterapeuta e do aluno em formação e todo o contexto relacional destes.

Pode não haver uma unanimidade sobre o papel do supervisor, ou mesmo sua postura, mas a ênfase dada pelos entrevistados a este profissional merece, no mínimo, um olhar mais atento para um profissional que, muitas vezes, não recebe a devida valorização institucional para o trabalho que realiza. Diz um entrevistado:

[...] me encantei principalmente pela motivação que uma das professoras do estágio me passava e comecei a buscar mais conhecimentos sobre a área comunitária fazendo jornadas, congressos em saúde pública e participei do VER/SUS¹⁰ evento que me levou às diversas cidades do Rio Grande do Sul para conhecer a realidade dos atendimentos do sistema único de saúde (Cravo).

Nesse relato, podemos observar também, a importância e alcance que a motivação e estímulo por parte dos supervisores envolvidos nos estágios podem atingir. Pimenta (2010) diz que: a função do professor orientador de estágio deverá ser à luz da teoria, refletir com seus alunos sobre as experiências que já trazem e projetar um novo conhecimento que ressignifique suas práticas, considerando as condições objetivas, a história e as relações de trabalho vividas por esses professores alunos.

Limites dos estágios> Quanto aos limites percebidos nesses estágios Cravo afirma:

No meu ponto de vista os limites desses estágios eram as dificuldades que tínhamos de interação com a equipe médica dos postos, era difícil o contato com eles a não ser na UBS do bairro Santos Dummont que tinha o PSF e também por ser realizado apenas uma vez por semana, o que sabíamos e, supervisores também, que não era suficiente para o tratamento dos pacientes.

O entrevistado referiu a dificuldade na integração com a equipe de saúde das Unidades Básicas de Saúde, a não ser com a UBS Santos Dummont da UFPel que tem o Programa Saúde da Família e por isso tem uma estratégia totalmente voltada para o trabalho multidisciplinar, diferente das Unidades Básicas da UCPel, que, apesar de terem equipes de saúde provenientes do próprio meio acadêmico - já que a Universidade tem vários cursos da área da saúde e os atendimentos nesses postos são praticamente realizados por esses alunos – apresentam uma prática multidisciplinar precária, principalmente por parte da Medicina que é a grande queixa dos acadêmicos da Fisioterapia até os dias de hoje.

O entrevistado foi bastante fiel a como aconteceram os ESC's na época de sua graduação. Destaco que, posterior a esta experiência, houve diversas modificações em relação aos estágios comunitários, pois este egresso foi formado

¹⁰ VER/SUS é um projeto que destina-se aos estudantes universitários brasileiros dos cursos da área da saúde e proporciona à eles dias de vivência multiprofissional (estudantes de diferentes cursos da área da saúde) em um sistema de saúde municipal ou estadual. Trata-se da interação dos estudantes entre si, com gestores, trabalhadores da saúde, usuários e Instituições de Ensino Superior. Uma interação que propicia debate e o conhecimento sobre os aspectos de gestão do sistema, as estratégias de atenção, o exercício do controle social e os processos de educação na saúde.

na 1º turma do curso no ano de 2007 e teve basicamente seu estágio realizado em UBS e Associação de Diabéticos de Pelotas. Atualmente os espaços destinados aos estágios em saúde pública foram expandidos para: Escola Louis Braille, CAPS Escola, CETRES, Asilo mendigos, dentre outros, o que acabou caracterizando a ampliação dos estágios pelo tipo de instituições, como também pela quantidade destas.

A complexidade atual do campo da saúde coletiva permeia tanto suas práticas como seus discursos disciplinares e suas formas de expressão acadêmicas, neles originando um conjunto de mediações de natureza não apenas teóricas (entre as disciplinas que compõem o campo), como políticas, sociais e culturais, se considerada a escala hierárquica dos agentes que intervêm nas práticas e na produção desses saberes disciplinares e se consideradas, também, as diferenças de formação e inserção na cultura desses agentes institucionais: docentes, pesquisadores, gestores, profissionais do cuidado, emissores de discursos e normas etc.

Talvez, o que esteja faltando é mais tempo de inserção nos espaços de saúde coletiva, nos quais os supervisores destes estágios, juntamente com seus alunos, deverão estabelecer vínculos e aprender o papel do fisioterapeuta dentro do seu local de trabalho, mais próximos da sua realidade.

Foi questionado também aos entrevistados se tinham interesse em tecer outras considerações acerca do ESC, itens que talvez não tivessem sido pontuados durante a entrevista. Dois entrevistados fizeram referência ao tempo destinado aos estágios em saúde pública, o que entendo deva ser apontado também como limite deste. Segue o posicionamento de Violeta:

[...] deveria ser repensado pela Coordenação do Curso de Fisioterapia a carga horária disponibilizada para os estágios comunitários, em minha opinião é insuficiente, apenas uma hora e quinze minutos, uma vez por semana, fica muito difícil ter um trabalho em conjunto com as equipes de saúde de cada UBS e principalmente com os pacientes. Temos que optar por atender as equipes dos postos ou os pacientes, e sempre priorizamos os pacientes, mas em contraponto fica mais difícil ainda a inserção do profissional fisioterapeuta na equipe. O estágio comunitário deve ser valorizado [tanto] como o hospitalar e ambulatorial que tem carga horária bem maior.

O tempo menor destinado a essa modalidade do estágio no curso, provavelmente retrate a falta de *status* da área como um todo.

Apresento ainda na fala de Violeta um aspecto que complementa o anterior, acrescentando aos limites dos estágios a pouca variação do campo:

No meu estágio passei duas vezes pelo mesmo posto de saúde, achei isso ruim, pois queria conhecer outros postos, bairros e realidades das pessoas, apesar de que o bairro que fui designada era muito pobre, as pessoas muito carentes e o posto era o único com o programa saúde da família porque era da UFPel, mas mesmo assim, fiquei frustrada por não conhecer outras realidades, ficava sabendo pelos meus colegas. Os estágios comunitários a meu ver, é o local onde mais temos a possibilidade de olhar os indivíduos, como pessoa, como um todo; não só como um conjunto de necessidades físicas que precisam ser arrumadas.

Sem dúvida a existência do estágio comunitário no currículo do curso de fisioterapia pode ser considerada um avanço se comparado ao que predomina nacionalmente, mas mesmo assim, percebemos que ainda é uma área de atuação e, de formação, desvalorizada e esse fator fica evidente, dentre outros, quando observamos o tempo destinado para este componente curricular. Parece existir aí uma concepção do que tem maior ou menor valor para a formação do fisioterapeuta e a saúde pública ainda não figura entre as áreas de “ponta”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O afeto pode ser uma maneira eficaz de chegar perto do sujeito e a ludicidade, em parceria, um caminho estimulador e enriquecedor para se atingir uma totalidade no processo de aprender.

Anne Almeida

Os dados obtidos no presente trabalho, através da realização de entrevistas com egressos do Curso de Fisioterapia da UCPel, buscou investigar as possíveis contribuições dos Estágios Supervisionados Comunitários para as práticas profissionais em saúde pública desses sujeitos.

Algumas conclusões podem ser destacadas, as quais não têm a intenção de encerrar o assunto, ao contrário, vislumbram uma tentativa de síntese a partir do que foi apreendido, bem como uma tentativa de apontar para novos caminhos e possibilidades para futuros estudos e melhorias na formação acadêmica dos estudantes de Fisioterapia.

- A pouca ênfase dada aos ESC e ao serviço público de saúde durante os períodos anteriores da graduação na UCPel dificultou a inserção dos estudantes no serviço público de saúde nos momentos iniciais do Estágio Supervisionado. Observa-se que essa área não é a mais valorizada em outras instituições também, como apresenta Azaléia.

- As experiências vivenciadas no Estágio Comunitário parecem favorecer uma aproximação maior com o paciente, pautando o atendimento no acolhimento e no cuidado à saúde. Esse fator foi observado na fala de todos os entrevistados, principalmente, naquelas de Cravo e Violeta.

- Os sujeitos da pesquisa, após a vivência nas comunidades, mostraram-se mais receptivos às diferentes possibilidades de percepção de saúde e doença,

- Na visão dos egressos foi de grande valia a vivência em algumas Unidades Básicas de Saúde da cidade de Pelotas, pois despertou neles o interesse em atuar na área de Saúde Pública, sendo que nenhum deles, quando ingressou no curso, tinha a intenção de trabalhar em saúde comunitária. Isso demonstra a importância da existência do estágio comunitário ainda no curso de formação.

- Aprender a trabalhar coletivamente, foi destacado pelos egressos, como tendo sido uma possibilidade proveniente da experiência com os estágios comunitários, já que estes pressupõem esse tipo de “parceria” ou visão multiprofissional.

- Não posso afirmar cientificamente que as mudanças ocorridas com os egressos pesquisados foram decorrentes exclusivamente dos estágios comunitários, pois os ex-alunos não retrataram isso em suas falas, percebo que houve mudança na concepção de saúde, na valorização por parte deles nas questões éticas, morais e humanitárias e principalmente a consciência sobre a profissão fisioterapia, no qual eles mesmos observam que não são apenas fisioterapeutas com função de reabilitar pessoas ou prevenir doenças, mas também que são agentes transformadores capazes de modificar o ambiente de trabalho e principalmente para as populações que prestam atendimento e educam para melhorarem sua qualidade de vida.

- Por tudo que foi dito, penso que os estágios comunitários, devam ter espaço garantido nos cursos de formação do fisioterapeuta. Que sejam feitos em parceria com os serviços públicos de saúde ligados ao SUS, pois serão nesses locais, também, que os futuros profissionais exercerão seu ofício, para que os estudantes tenham oportunidades de presenciar e vivenciar o cotidiano dos serviços, percebendo aspectos relevantes da realidade e criando perspectivas para melhorá-la ou aperfeiçoá-la, dentro de suas possibilidades.

8 REFERÊNCIAS

- ACÚRCIO, F. A. et al. **Evolução Histórica das Políticas Públicas de Saúde no Brasil. Caderno de Textos.** Belo Horizonte: Núcleo de estudos em Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da UFMG, 2002. 12f. Mimeografado.
- ALARCÃO, Isabel (org.). **Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão.** Porto Alegre: Porto Editora, 1996.
- ALMEIDA, A. L. J. **Análise da prática profissional de Fisioterapia:** implicações para um enfoque educativo no atendimento ao cliente. 1996. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1996.
- ALMEIDA, G. L. **Fisioterapia e Terapia Ocupacional na Comunidade. Consultada em:** <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/processoAudienciaPublicaSaude/anexo/Fisioterapia_e_Terapia_Ocupacional_na_Comunidade.pdf>
- ANTUNES, M. J. M.; EGRY, E. Y. O programa de saúde da família e a reconstrução da atenção básica no SUS: a contribuição da enfermagem brasileira. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 54, n. 1, jan./mar. 2000.
- BEGOT, M.G.S. & NASCIMENTO, M.J.C. **Gestão Escolar:** Numa perspectiva democrática. Pará: Trabalho de Conclusão de Curso, 2002.
- BOTOMÉ, Sílvio Paulo. **Contemporaneidade, Ciência, Educação e Verbalismo!** Erechim: Editora da URI (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões), 1994.
- BRASIL, **Constituição Federal – 1988.** Guia Prático da Nova Constituição. Rio de Janeiro: Forense, 1988.
- _____. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Coordenação de Saúde da Comunidade. **Saúde da Família:** uma estratégia para a reorientação do modelo assistencial. Brasília: Ministério da saúde, 1997. 36p.
- _____. Ministério da Saúde. **Cadernos de Atenção Básica:** programa de saúde da família. Brasília: Ministério da saúde, 2000. 44p.
- _____. Ministério da Saúde. **Política de recursos humanos em saúde –** Brasília: Ministério da Saúde, 2002. 184 p.
- _____. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002: **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2010.

_____. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008: **Dispõe sobre o estágio de estudantes**. Disponível em: <<http://www.normaslegais.com.br/legislacao/lei11788.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

BURIOLLA. **O Estágio Supervisionado**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CORDÃO, F. A. **A competência vale mais do que diploma**. In: Educação em Revista. Ano IV - n 23 - nov/dez, 2000.

DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**. São Paulo: Cortez, 1991.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

DILLY, C.M.L.; JESUS, M.C.P. **Processo educativo em enfermagem**: das concepções pedagógicas à prática profissional. São Paulo: Robe , 1995.

FONTES, O.L. Educação nas ciências da saúde e novas configurações epistêmicas. **Saúde em Revista**. Piracicaba, v.3, no 5/6, p.15-22, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 29. ed.. São Paulo: Vozes, 2010.

IVAMA, A. M. **La Educación y la Práctica Farmacéutica en Brasil y Espana en El Contexto de la Globalización**. 1999. Tese (Doutorado), Universidad de Alcalá, Alcalá de Henares, Espanha.

KULCSAR, Rosa O Estágio Supervisionado como Atividade Integradora. In PICONEZ, Stela C. B. (org.). **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. 2ª edição. Campinas, SP, Papirus. 1994.

LEITE, Y. U. F.; GHEDIN, E; ALMEIDA, M. I. A formação de professores nos cursos de licenciatura: caminhos e descaminhos da prática. In: **Formação de professores**: caminhos e descaminhos da prática. Brasília: Líber Livro Editora, 2008. p. 23-51.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MASETTO, M. T. **Processo de aprendizagem no ensino superior e suas conseqüências para a docência universitária**. In: Reunião da Associação Brasileira de Ensino Odontológico, 33, Fortaleza. Rev. ABENO, p. 9-16, 1998

_____. **Professor universitário**: um profissional da educação na atividade docente. In MASETTO, M.T. (org). Docência na Universidade. Campinas: Papirus,1998, cap. 1, p. 9-26.

MENDES, E.V. **Uma agenda para a saúde**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 300.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. **O desafio do conhecimento** – pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec; 2007.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2. ed., 1990.

NÓVOA, Antonio (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa, Dom Quixote. 1992.

OLIVEIRA, E.S.G, & CUNHA, V.L. **O Estágio Supervisionado na formação continuada docente a distância**: desafios a vencer e construção de novas subjetividades. São Paulo: Revista de Educação a Distância; 1996.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores**: unidade, teoria e prática. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, S. G. & LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. SP: Cortez, 2004.

_____. **Estágio e docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.(Coleção docência em formação. Série Saberes Pedagógicos).

PINTO, M. G. C. S. M. G.; FELDKERCHER, N.; BRESSAN, E. O estágio curricular em cursos de formação de professores: configurações de um caso. In: **Anais do VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul** - ANPED SUL. Londrina - PR: Universidade Estadual de Londrina, 2010. v. 1. p. 1-14.

REBELATTO, J. R.; BOTOMÉ, S. P. **Fisioterapia no Brasil**: fundamentos para uma ação preventiva e perspectivas profissionais. São Paulo: Manole, 1987.

TAVARES, José (orgs) **Supervisão da prática pedagógica** – uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem. Coimbra, Livraria Almedina. 1987.

TEIXEIRA, P. & OLIVEIRA, F. **A Ética na Educação**. São Paulo: Guanabara, p.61, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE I

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM EGRESSOS DO CURSO DE FISIOTERAPIA DA UCPEL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS FACULDADE DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES, ENSINO, PROCESSOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Trabalho: Percepção de egressos do curso de Fisioterapia da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) que atuam na área da Saúde Pública sobre as possíveis contribuições dos estágios supervisionados comunitários para sua prática profissional.

Pesquisadora: Estefânia Silveira de Moraes

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria das Graças C. S. M. G. Pinto

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1) Em que ano você se formou no Curso de Fisioterapia da Universidade Católica de Pelotas (UCPel)?
- 2) Atualmente você está trabalhando? Qual o local de trabalho?
- 3) Você tinha interesse na área de saúde pública ou comunitária quando ingressou no Curso de Fisioterapia? E hoje, você se interessa por essa área? Por quê?
- 4) Ter realizado os estágios comunitários influenciou na formação de opinião sobre a área de alguma forma? Por quê?
- 5) Como ocorreram os estágios comunitários? Quais os principais limites desses estágios?
- 6) Fale sobre sua prática em saúde pública? Como iniciou? Como está no momento?
- 7) Tendo em vista a sua prática profissional na área de saúde comunitária você observa que os estágios comunitários I, II e III contribuíram para essa prática? Justifique.
- 8) Você deseja acrescentar algo em relação aos estágios comunitários e/ou à prática em saúde comunitária?

APÊNDICE II
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES, ENSINO, PROCESSOS
E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Trabalho: Percepção de egressos do curso de Fisioterapia da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) que atuam na área da Saúde Pública sobre as possíveis contribuições dos estágios supervisionados comunitários para sua prática profissional.

Pesquisadora: Estefânia Silveira de Moraes

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria das Graças C. S. M. G. Pinto

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu.....
RG nº. confirmo que fui esclarecido(a) sem qualquer constrangimento, sobre os objetivos da pesquisa acima referida bem como da forma de minha participação na mesma. Foi esclarecido ainda que:

- minha participação nesta pesquisa é livre;
- o que falarei na entrevista será transcrito sendo as informações oriundas, analisadas e publicadas, em parte ou na sua totalidade;
- meu nome não será divulgado;
- durante o desenvolvimento da pesquisa poderei fazer contato com a pesquisadora pelo e-mail estefaniamorae79@gmail.com ou pelo telefone (53) 9122-3774 para quaisquer esclarecimentos.

Assim, aceito fazer parte desta pesquisa e autorizo a utilização e divulgação dos resultados que envolvem minha entrevista.

Nome do (a) entrevistado(a): _____

E-mail: _____

Assinatura: _____

Nome da pesquisadora: _____

Assinatura: _____

